

***Dos Veces Junio*, Martín Kohan: uma leitura**

Máximo Heleno R. Lustosa da Costa¹

Resumo: A narrativa de *Dos veces junio* situa-se nos dias 10 de junho de 1978 e 30 de junho de 1982 e se desenvolve em torno de um conscrito do exército argentino na busca por um capitão-médico capaz de responder à pergunta que abre o livro: “¿A partir de qué edad se puede empesar a torturar a un niño?” (2002: 11). No decorrer dessa busca, o escritor desenvolve uma narrativa que, sem se afastar do objeto ficcional e sem se esquecer de que o erro ortográfico (*empesar*) é a representação sintética da relevância da forma, torna visível o clima de exceção do período ditatorial vivido pela Argentina entre 1976 e 1983. O autor denuncia a naturalização da violência, manifestada no romance por meio de personagens que atuam no Corpo Militar, enquanto a resistência ao regime ditatorial ganha visibilidade na personagem de uma guerrilheira grávida, presa e torturada.

Palavras-chave: História; imaginação pública; literatura pós-autônoma.

Abstract: The narrative of *Dos veces junio* takes place on June 10th, 1978 and June 30th, 1982 and it is developed around a conscript from the Argentine army who is searching for a Captain-doctor able to answer the question which is the opening line of the narrative: “¿A partir de qué edad se puede empesar a torturar a un niño?” (2002: 11). During his search, the writer – neither standing back from the fictional object nor forgetting that the misspelling (*empesar*) is a synthetic representation of the relevance of the form – develops a narrative where the authoritarian atmosphere of the dictatorial period experienced by Argentina between 1976 and 1983 can be visualized. The author denounces the violence trivialization presented in the novel through the characters who act in the Military Corps, while the resistance to the dictatorial regime can be noticed through a pregnant guerilla woman character who is arrested and tortured.

Keywords: History; public imagination; post-independent literature.

1 Mestre em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: maxhele-no@gmail.com. Este artigo nasceu de minha dissertação de mestrado, que contou com o apoio do CNPq.

Em 16 de maio de 2012, foi instituída, no Brasil, a Comissão Nacional da Verdade. Em 11 de fevereiro de 2013, a página na internet do Observatório Países de Língua Oficial Portuguesa apresenta a matéria “Dos porões da ditadura brasileira: os novos documentos sobre o assassinato de Rubens Paiva e o suicídio de um sobrevivente da tortura” cujo fragmento transcrevo:

Dois eventos ocorridos nas últimas semanas trouxeram novamente a ditadura (1964-1985) para o centro das atenções, além de confirmarem a importância do papel que a Comissão Nacional da Verdade desempenha para os esclarecimentos, mesmo que tardios, acerca das bárbaras práticas do regime. De um lado, a “descoberta” de documentos militares na casa de um ex-oficial morto em novembro passado trouxe pela primeira vez evidências documentais de que o ex-deputado federal Rubens Paiva foi mantido refém, torturado e assassinado no DOI-Codi do Rio de Janeiro.

De outro lado, o suicídio de Carlos Alexandre Azevedo – que lutava contra a depressão após haver sido torturado em 1974 por agentes da ditadura, quando tinha pouco mais de um ano de idade – demonstrou que as trevas da brutalidade estatal vivida pelo país ao longo dos vinte anos de regime ditatorial estão longe de se dissipar.

Portanto, de acordo com o *Observatório*, uma criança com pouco mais de um ano foi torturada pelos militares da ditadura brasileira e as sequelas de tal sofrimento resultaram no suicídio do adulto. A barbaridade do fato tem tal proporção que, à exceção do terror dos campos de concentração da 2ª guerra mundial e das ditaduras, militares ou não, sugere que estamos no campo da ficção. Tal aproximação é tamanha que, não fora a descoberta tardia por parte da Comissão Nacional da Verdade, poderia ter inspirado o livro *Dos veces junio*, do professor de Teoria Literária da *Universidad Nacional de Buenos Aires*, Martín Kohan, publicado em 2002.

O romance conta a história de um conscrito do exército argentino que, em pleno dia de jogo entre as seleções de seu país e a italiana, 10 de junho de 1978, deverá encontrar seu superior hierárquico, o capitão-médico Dr. Mesiano, para que responda à pergunta colocada no primeiro parágrafo da narrativa: “¿A partir de qué edad se puede empesar a torturar a un niño?” (KOHAN 2002: 11). A pergunta está escrita em um caderno de recados localizado ao lado do telefone que, por sua vez, está dentro de um quartel do exército, e apresenta um erro ortográfico: em espanhol não se escreve “empesar”, mas “empezar”. Efetivamente, o erro ortográfico é a única coisa que incomoda o conscrito, que afirma: “Pocas cosas me contrarían tanto como las faltas de ortografía” (KOHAN 2002: 12). O incômodo é tão grande que, arriscando-se a que a romper a hierarquia, o militar faz a correção do recado.

Depois de procurá-lo por todo o quartel, o soldado descobrirá que o Dr. Mesiano se ausentou para ir ao Estádio Monumental de Núñez a fim de assistir ao jogo pela Copa do Mundo de Futebol. Diante disso, e pensando na situação delicada

em que poderiam ficar por causa da falta de seu superior, o conscrito parte para o Estádio, onde aguardará o término da partida. À saída, após a derrota da Argentina, junto com a larga *“procesión de cabizbajos”* (KOHAN 2002: 74), o conscrito encontrará o capitão e seu filho, Sérgio Mesiano.

Antes que consiga falar alguma coisa sobre o problema, o Dr. Mesiano, dizendo *“hay que salvar esta noche de mierda”* (KOHAN 2002: 88), levará a ambos para um bar, aonde chegarão três mulheres, e, em seguida, partirão todos para um motel. Somente pela manhã, depois de deixar o entristecido Sergio Mesiano em casa, o capitão e o conscrito seguirão para o centro de detenção de Quilmes, lugar de onde partiu o questionamento. Lá, encontram o Dr. Padilla que apresentará a situação ao Dr. Mesiano: Uma prisioneira, da qual não foi possível conseguir nenhuma informação, deu à luz uma criança. Uma alternativa para convencê-la a falar é a tática psicológica sugerida pelo Dr. Padilla: *“En caso de que fuera necesario interrogar a la brevedad a la detenida, el doctor Padilla se inclinaba por el empleo de métodos de presión psicológica”*. (KOHAN 2002: 32)

Por conta desta orientação técnica, a detenta deverá passar então às torturas psicológicas: primeiramente, ela foi *“atendida”* por um militar *“de voz más suave que aparecía en las mañanas, que a veces hasta le acariciaba la cabeza, ese que le hablaba de su chiquito y de la lista de nombres, ese que le decía que en la vida todo es un dar y recibir”* (KOHAN 2002: 36). Depois surgiu outro:

Uno que le clavó el taco de las botas en los pies descalzos. Después se inclinó hacia ella para hablarle en voz baja. No precisó verlo para saber que se acercaba. Le oyó decir: “Esto no es un jardín de infantes”. Le oyó decir también: “Acá los pendejos no duran”. Después se calló, para ver si ella hablaba. Cuando se fue, golpeando los tacos, ella quiso mover los dedos de los pies, pero no pudo. (KOHAN 2002: 43)

Como a detenta ainda se recusa a colaborar, subindo um degrau na gradação da pressão psicológica, segue então:

En el momento en que sintió la aspereza del caño apoyado en su nuca, encontró algún modo de resignarse a la muerte. Le dijeron que iban por fin fusilarla porque se habían cansado de esperar que colaborara. Esa explicación casi final suponía, de alguna manera, una última oportunidad, una última interrogación. Pero ella siguió callando. De las muchas cosas que le advirtieron, en ninguna creyó, y eso la ayudó a no pronunciar ni un solo de los nombres. De día o de noche, ya no lo sabía, la vinieron a buscar. Casi no le quedaba cuerpo donde pudiesen matarla. [...]. No tuvieron que encapucharla, porque ya lo estaba desde un principio. No había un pelotón, sino un solo verdugo. Bastaba una persona para matar a una persona. Bastaba un solo revólver, puesto en medio de la nuca del que tenía que morir. Sintió el olor de la pólvora, y sintió el olor de la pólvora ya quemada, aunque no le hubiesen disparado todavía. Oyó que el percutor se movía y llegaba al tope. En la

nuca percibió la presión del dedo sobre el gatillo, ya disparando. Esperó que sonara un estampido, pero sonó un mero golpe del metal contra el metal. En un instante de pura irrealidad, pensó que así sonaba un disparo si se lo oía desde la muerte. Después entendió que no, que no le habían disparado. Hubo insultos y hubo risas, festejando el simulacro. (KOHAN 2002: 54-5)

Diante de um novo fracasso por parte dos militares, o último estágio possível é a tortura da criança na frente da mãe.

Enquanto os médicos discutem sobre a viabilidade desse recurso final, o conscrito, que ficara de sentinela no corredor da detenta, ao se encostar para descansar, exausto pela noite insone, sente o suéter puxado pela detenta, que passa a relatar, apesar dos protestos do soldado, *“cada cosa que le habían hecho”* (KOHAN 2002: 137). Ele exige que a mulher se cale, mas ela continua falando e pedindo ajuda. A angústia da mulher incomoda o conscrito que, por sua vez, não quer fazer barulho e chamar a atenção dos médicos: *“‘Te estoy diciendo que te calles, hija de puta, callate de una vez’, porque empezó con los detalles y a mí me hartaban los detalles. Pero siguió, y siguió sin ahorrarse los detalles”* (KOHAN 2002: 138). Então, os médicos terminam sua discussão e o Dr. Mesiano aparece sobressaltado. Quando o conscrito pergunta se devem seguir para casa, ele responde que ainda não e voltam para a região no entorno do Estádio onde antes se realizara o jogo. O capitão se dirige à ESMA, Escola Superior de Máquinas, lugar em que funcionou o quartel general da ditadura argentina. Neste local, o Dr. Mesiano discutirá a questão da criança.

O que acontece é que existia uma lista de pretendentes para a adoção dos filhos dos desaparecidos e mortos durante aquele período. O filho da detenta, para completar, parece atender às preferências para essa “adoção”: *“El doctor Padilla había dicho que no daba un centavo por la vida de la madre, y que los de la lista de espera empezarían a meter presión, no bien supieran que el nene había nacido sano y que, por lo que podía verse, iba a tener los ojitos claros”*. (KOHAN 2002: 38-9). Deste modo, o Dr. Padilla quer seguir a lista e o Dr. Mesiano quer que a criança seja entregue a sua irmã:

Mi pobre hermana buscó, buscó y buscó, tenéis que ver cómo buscó, y no hubo caso. No quedó especialista por consultar, ni método por probar, y no hubo caso.”
[...] *“Y estas conchudas hijas de puta, en cambio, que ni casadas están, tienen cría como conejas. (KOHAN 2002: 112)*

Em outras palavras, Dr. Mesiano torce o raciocínio a fim de concluir que só está corrigindo uma injustiça, uma vez que sua irmã, que merece ser mãe, e para isso fez todos os tratamentos possíveis, não poderá sê-lo pelos caminhos naturais, enquanto as *“conchudas hijas de puta”*, muito injustamente, têm filhos como os coelhos.

Nessa disputa com o Dr. Padilla - *“Vamos a ver quién talla más alto”* (KOHAN 2002: 144) -, Dr. Mesiano, o médico mais destacado de sua turma, *el cero uno*, leva a melhor. Portanto, depois de conseguir a autorização do Comando Geral, este mesmo doutor e o conscrito retornam ao quartel de Quilmes, pegam a criança e, finalmente, vão para casa. Assim termina a primeira parte do livro.

Na segunda parte, o epílogo, a trama narrativa situa-se quatro anos depois, em 1982, quando o ex-conscrito, agora estudante de medicina, ao ler um jornal, encontra o nome de Sergio Mesiano na lista do CEC (*caídos en combate*), junto aos dos soldados mortos na guerra das Malvinas e sente vontade de ver seu ex-capitão, dirigindo-se à casa à qual o levará tantas vezes. Lá, uma empregada lhe informa que o Dr. Mesiano está em uma reunião com a família na casa da irmã, pede um momento, liga para médico e entrega ao ex-conscrito um bilhete com o endereço onde poderá encontrar seu antigo superior. O aluno de medicina observa que, embora humilde, a empregada não cometera nenhum erro na escrita do bilhete: *“La letra de la chica evidencia la esmerada laboriosidad de los que han aprendido a escribir ya de grandes. Pero ha escrito la dirección, que incluye haches y zetas, sin cometer ninguna falta de ortografía”* (KOHAN 2002: 170).

Neste trecho, notamos uma das características do romance: as passagens, os temas, com algumas variações, parecem se repetir. São duas as derrotas em Copas do Mundo, são dois os momentos cuja questão ortográfica que se apresenta, são várias as violências sexuais contra o corpo feminino, e entre outros, são duas vezes junho.

Voltando ao reencontro, o aluno de medicina encontra o Dr. Mesiano reunido com toda a família: o cunhado Alberto, a irmã Ângela, a esposa do médico, Livia, e um garoto de quatro anos chamado Antonio. Quando a noite se aproxima e é necessário que se despeçam, os dois amigos se abraçam fortemente e prometem se encontrar em um tempo mais breve:

Le doy un abrazo. Le digo que también a mí me reconforta verlo, porque en la vida son pocas las oportunidades que tenemos de encontrarnos con alguien que sabe lo que quiere y sabe adónde va. El doctor Mesiano me dice que ahora se avecinan tiempos difíciles. Le digo que cuente conmigo para todo. Nos damos otro abrazo. Siento ese abrazo todavía en los hombros, cuando me voy. (KOHAN 2002: 186)

Este momento da narrativa, quatro anos depois da primeira parte, de certa forma, amplia a explicação para o comportamento do conscrito. Além de querer manter-se fora de problemas, atendendo assim às orientações de seu pai, ele revela uma afeição para com o oficial. Portanto, mais do que se proteger, argumento comum em situações extremas, há por parte do conscrito uma aquiescência com toda a situação.

Literatura e história: a verdade da narração em *Dos veces junio*

Uma das principais características desta narrativa é o dialogismo praticado pelo escritor entre as séries discursivas histórica e literária para a construção da trama. O território da “subjetividade revolucionária” abre para a literatura a possibilidade de tratamento de temas políticos em uma perspectiva particular que identifica uma carência da reflexão tradicional sobre estes assuntos. De acordo com Terry Eagleton: “o autor não precisa impingir suas opiniões políticas à obra porque, se revelar as forças reais e potenciais em operação, ele já está sendo partidário”. (EAGLETON 2011: 87). A isso, acrescentamos o fato de que Martín Kohan não viveu, como adulto, as agruras da ditadura militar e, além disso, publica *Dos veces junio* em 2002, ou seja, há quase 20 anos da queda do regime.

Sobre a forma como as gerações vão preparar a literatura que se segue ao regime autoritário, David Viñas escreve:

La dictadura no sólo reprimió cuerpos. También barrió con discursos y lenguajes, volviéndolos clandestinos u obligándolos a desaparecer, a cambiar de lengua, de tierra. La vuelta a la democracia marcó, en rasgos generales, un cambio fundamental que llevó a artistas e intelectuales de la denuncia a la memoria. (VIÑAS 2010: 20)

Seguindo o raciocínio de Viñas, compreendemos que Kohan dará um novo giro significativo quando sai da memória e constrói sua narrativa tendo o elemento estético como protagonista somado àquilo que a crítica Josefina Ludmer chama de “imaginação pública”. Acreditamos que *Dos veces junio* é um exemplar do texto especulativo, “que inventa um mundo diferente do conhecido: um universo sem exterior, real virtual (a virtualidade é o elemento tecnológico)” (LUDMER 2013: 9). A imaginação pública de Ludmer se aproxima do que o próprio autor, em entrevista concedida a María Fernanda Aldaño, chamou de “memória social”: “*Dos veces junio está más cerca de esa memoria social pero en un sentido más ligado a la experiencia. Porque la memoria colectiva supone la incorporación de recuerdos que no necesariamente uno ha tenido a nivel personal.*” (KOHAN, 2004).

O giro efetuado por Kohan em *Dos veces junio* também reflete o que escreve Beatriz Sarlo, escritora e crítica de literatura argentina, que revela uma preocupação geral com o papel do intelectual e as funções intelectuais nos contextos discursivos contemporâneos. Em *Borges, un escritor en las orillas* (2007), ela escreve sobre o desvio paródico da ficção que diferencia a literatura da história:

Cuando la historia parece haber sacado de escena los valores (cuando la historia es historia de guerras y de acciones públicas inhumanas o inmorales), la literatura propone un modelo, a menudo tan horrendo como el de la historia, pero siempre más perfecto porque es imaginario y tiene, por su naturaleza ficcional, la capacidad de establecer un desvío irónico o paródico respecto de la experiencia. Frente

al desorden de los hechos, la invención responde no con un espejo del mundo sino con una idea del mundo: avanza apartándose de la empiria. (SARLO 2007: 181).

Dos veces junio é não uma reflexão da realidade, mas “uma deflexão, uma alteração e uma transformação da realidade, de acordo com as leis peculiares à arte” (EAGLETON 2011: 93), ou seja, um desvio de uma história que, do ponto de vista dos direitos humanos, já é toda ela um desvio. Sobre esse assunto, a contracapa da 1ª edição brasileira de *Dos veces junio* traz uma declaração significativa: “*La ficción puede ser el mejor idioma para decir la verdad. Elegir ese lugar supone un quiebre con respecto a la forma literaria en este tipo de textos.*” (KOHAN, 2005). Se consideramos que um dos exercícios mais frequentes das ditaduras militares é o de providenciar o apagamento de todo documento, de todo vestígio que possibilitar a reconstituição dos fatos, então a relevância da ficção se intensifica. Sobre esse apagamento marcado na linguagem, Hannad Arendt escreve:

Além disso, toda correspondência referente ao assunto ficava sujeita a rígidas “regras de linguagem”, e, exceto nos relatórios dos *Einsatzgruppen*, é raro encontrar documentos em que ocorram palavras ousadas como “extermínio”, “eliminação” ou “assassinato”. Os codinomes prescritos para o assassinato “solução final”, “evacuação” (*Aussiedlung*), e “tratamento especial” (*Sonderbehandlung*); a deportação – a menos que envolvesse judeus enviados para *Theresienstadt*, o “gueto dos velhos” para judeus privilegiados, caso em que se usava “mudança de residência” – recebia os nomes de “reassentamento” (*Umsiedlung*) e “trabalho no Leste” (*Arbeitseinsatz im Osten*), sendo que o uso destes últimos nomes prendia-se ao fato de os judeus serem de fato muitas vezes reassentados temporariamente em guetos, onde certa porcentagem deles era temporariamente usada para trabalhos forçados. Em circunstâncias especiais, era necessário fazer ligeiras mudanças nas regras de linguagem. Assim, por exemplo, um alto funcionário do Ministério das Relações Exteriores, propôs uma vez que em toda a correspondência com o Vaticano a matança de judeus fosse chamada de “solução radical” (ARENDT 1999: 100).

Em *Dos veces junio*, é utilizado o termo “traslado”:

“El doctor Mesiano opinaba que los traslados constituían un aspecto fundamental en el funcionamiento del sistema, y ésa era la enseñanza que extraía de la historia de los indios Quilmes, una historia que ahora repasaba porque era a Quilmes, justamente, adonde teníamos que ir.” (KOHAN 2002: 102)

Traslado é, portanto, um eufemismo para eliminação. Neste sentido, a pergunta do Dr. Padilla tem, antes de mais nada, o problema de estar literal, sem a atenuação, o cuidado que os tempos exigiam.

Se avaliarmos as considerações feitas por Novaro e Palermo, em seu “A ditadura militar argentina 1976-1983”, podemos concluir até mesmo que a literatura tem um papel privilegiado ante o discurso oficial:

O número de combatentes da guerrilha, como o de mortos e as circunstâncias em que morreram, constitui “verdades de fato” decisivas para compreender o que ocorreu sob o terror de Estado e rejeitar as hipóteses de guerra civil ou “guerra suja”. A este respeito Hannah Arendt assinala, em *Verdade e Política* (1996), que, frente aos fenômenos totalitários, cujo poder se assenta em um regime de mentira organizada ou ideológica, e na consequente destruição dos registros mais básicos da verdade de uma sociedade, a tarefa do historiador é essencialmente política. (NOVARO e PALERMO 2007: 96)

A tarefa de *Dos veces junio* é profundamente política e, assim, através da literatura, relativiza-se e é abalada a verdade empírica, inquestionável para muitos porque respaldada pela memória social legitimada, por sua vez, pelo que se acreditava ser o real empírico. O texto de Kohan contribui, portanto, para a reconstituição das memórias individuais de eventuais leitores que, por acaso, presenciaram o fato do qual se recordavam de forma diferente daquela internalizada pela memória social construída através da manipulação da informação. Ao questionar, através da metáfora literária, os construtos sociopolítico-culturais como verdades únicas, implantando a dúvida, através da reflexão crítica, a narrativa de Kohan, sem compromisso confesso com a função social e política que a literatura pode desempenhar, representaria o papel da literatura engajada como definida por Benoît Denis em “Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre” (2002) e Jean-Paul Sartre em “O que é literatura?” (2004), ou, no dizer do próprio Kohan, na entrevista citada anteriormente: “*poner a la literatura a contrapelo de la memoria social*”. Seu texto ofereceria ao leitor outra possibilidade, através da reconstituição da(s) memória(s), de se entender a realidade também a partir da reinterpretação do passado e da história. Dessa forma, tomando-se o texto de Kohan sob a ótica da literatura engajada, ele pode desempenhar a função de intervenção política e social, ao despertar no leitor a dúvida entre ficção e realidade no jogo entre as memórias individuais e a memória social, podendo, até mesmo, contribuir para a reconstrução da memória coletiva.

O exercício para o leitor não é, porém, de maneira alguma, simples, uma vez que, novamente conforme Josefina Ludmer, “as ficções de 2000 insistem o tempo todo em dizer ‘sou literatura’” e:

Usam todos os tipos de marcas literárias: personagens escritores, personagens leitores, autorreferências e referências à literatura. A escrita dentro da escrita, a literatura dentro da literatura, a leitura dentro da leitura [...]. O procedimento para reforçar certa autonomia literária, em um momento em que essa autonomia é ameaçada pela economia e pelas fusões; em um momento em que o livro é uma

mercadoria como qualquer outra, ou uma parte da indústria da língua. (LUDMER 2010: 77)

Em outras palavras, a escrita de *Dos veces junio*, conforme já escrevemos, emprega de forma permanente marcas que lembram ao leitor que ele está na presença do literário, diante do estético, ou seja, da forma que se destaca já no erro ortográfico da pergunta do primeiro parágrafo. Outro exemplo do mecanismo de utilizar a própria narrativa para chamar a atenção sobre seu aspecto material está no capítulo cujo título é *Cinco*.

Uma menina anda de bicicleta por uma rodovia e, numa das tantas subidas e descidas, o pneu fura e ela se vê a pé e sozinha. Precisarás andar até uma oficina para consertar o furo. Enquanto caminha, aproxima-se um veículo: *“Es un camión del ejército y transporta a cuatro soldados (cinco, si se cuenta al que maneja, y el que maneja debe ser contado)”* (KOHAN 2002: 103) – reparemos que enquanto narra algo que está supostamente fora do núcleo narrativo principal, o autor dá pista de que aquele que dirige deve ser contado; vale lembrar que o conscrito é o motorista do capitão e que manejar tem, em espanhol, tanto o sentido de dirigir quanto o de governar. Assim, Martín Kohan consegue com este artifício involucrar tanto os comandantes quanto os comandados.

Eles param e oferecem ajuda. Ela entra no caminhão e um dos soldados diz: *“Claro que antes podemos quedarnos por aquí y divertirnos un poco”* (KOHAN 2002: 104). O narrador acrescenta: *“Sólo a la muchacha se le pasa por alto, o al menos eso aparenta, la evidente malicia que contiene la frase.”* Momentos depois, o veículo sai da estrada e ela acaba sendo violentada pelos soldados. Após o estupro, a menina é colocada novamente no caminhão que a levará a um lugar em que possa finalmente consertar a bicicleta (KOHAN 2002: 102-08). Nesta passagem, o modo da narrativa assume algo da linguagem cinematográfica e o narrador parece orientar o olhar dos leitores. Entretanto, enquanto orienta, vai colocando dúvidas com relação ao que acontece e ao papel dos partícipes da história, principalmente com relação ao sofrimento da vítima: *“Hay algo en ella de inexpresivo que nos impide saber a ciencia cierta si en todo asunto sigue padeciendo o si algo existe ya del sentimiento inverso”* (KOHAN 2002: 107). Nesta arquitetura de escrita, com títulos quase todos representados por números, inclusive o nome da própria narrativa, cuja pergunta da abertura é uma questão técnica e que se responde também com um número, a expressão “ciencia cierta” não pode passar despercebida. Insinuar que há também na vítima um prazer, e isso dentro de uma narrativa que pode funcionar como uma metáfora da própria violência sofrida pela nação, amplia significativamente a intensidade desta leitura. Para concluir, o narrador apresenta o erro da linguagem: *“Es un misterio cómo, si la ropa se la arrancaron a jirones, la muchacha aparece vestida otra vez igual que estaba al principio”* (KOHAN 2002: 107). A falha apontada no texto, - no caso, se aceitarmos a referência ao cinema, proposta pelo autor, uma

falha na sequência narrativa –, funciona naturalmente para levar a atenção outra vez à linguagem.

Temos, portanto, uma narrativa em que, de um lado, há a constante presença do número, elemento por excelência representante da exatidão, e por outro, questiona-se a si mesmo como linguagem, como discurso. Avaliando a questão do número numa literatura de vanguarda, o crítico italiano Renato Poggioli define esse tecnicismo como a invasão, por parte do gênio tecnológico, de certas áreas espirituais, onde a técnica não tem razão de ser (POGGIOLI 1964: 147) – colocaremos ao final deste artigo uma tabela com todos os títulos e as referências às quais se ligam. Podemos inverter essa leitura e, nos aproximando novamente de Ludmer, dizer que a literatura, sendo certa área do espírito, se apropria de áreas que lhe eram alheias.

Se por um lado, a precisão está presente de forma quase obsessiva, não há como deixar de observar, por outro lado, que *Dos veces junio* deixa espaços para ser preenchido pelo conhecimento do leitor: a data de 10 de junho de 1978 é a da única derrota da seleção argentina, que acabou ganhando o campeonato. O autor escolheu datas de derrotas para posicionar a trama e explicita os “erros” da linguagem; não cita as mães ou as avós da *Plaza de Mayo*, mas apresenta Antonio, que durante alguns minutos se chamou Guillermo (KOHAN 2002: 20); não fala dos desaparecidos, mas coloca o conscrito enterrando uma aliança que achara nas imediações do Estádio. O próprio conscrito não receberá um nome, o que pode ser visto como uma forma de colocá-lo entre os sem-nomes dos desaparecidos.

O poder, o saber e o discurso

Se a técnica é o resultado de um saber, nesta narrativa, o saber médico é uma instituição dentro de uma instituição, a militar. Há, nas duas, uma relação de poder segundo a qual o Dr. Mesiano está hierarquicamente acima de muitos outros capitães-médicos, inclusive com o respaldo dos seus superiores imediatos. O Dr. Mesiano é o primeiro de sua turma e o que sabia mais – um dos capítulos tem como título *Cero uno*. É ele que tem o preparo acadêmico para identificar a ignorância e, portanto, afirmar reiteradas vezes: “*El problema de nuestro país es la ignorancia*” (KOHAN 2002: 88). E depois, acrescenta: “*El problema de nuestro país es la ignorancia. Pero no la ignorancia de los ignorantes: ésa está en los cálculos y es funcional. El problema de nuestro país es la ignorancia de los que estudiaron y se supone que tendrían que saber*” (KOHAN 2002: 94). O vínculo entre o saber e o poder está claríssimo, pois só aquele mais preparado, o que sabe mais pode resolver os problemas mais sérios:

Hay un hecho indiscutible: si el doctor Padilla hubiese contado con el conocimiento suficiente para establecer con certeza un límite determinado, si su competencia profesional le hubiese permitido indicar taxativamente una pauta, fuera ésta de

dos meses, de seis meses o de dos años, entonces ni siquiera habría hecho falta recurrir al doctor Mesiano. Pero al doctor Mesiano habían tenido que consultarlo, y con urgencia; y por eso yo ahora con tanta insistencia lo buscaba. Necesitaban de él. Y eso los obligaba a tenerle una consideración diferente. Era una de esas personas que sabían resolver problemas médicos, en tiempos en que sobraban los problemas médicos. (KOHAN 2002: 82-3)

A medicina é a área do conhecimento comum, como legalizador e de controle sobre os corpos, nos regimes totalitários. Não à toa, sua participação constrói capítulos importantes de Hannah Arendt (1999), Adorno e Horkheimer (1985), Novaro e Palermo (2007) e na ficção de Luis Guzmán, *Villa* (1998), é o assunto principal. Sobre tal saber, o conscrito explica:

¿Qué es la medicina, finalmente? Yo estudio medicina. La medicina es una ciencia del cuerpo humano. Es un saber sistematizado acerca del cuerpo humano, que a veces se aplica sobre su medianía, sobre el nivel promedio de lo que se considera normalidad, y otras veces se aplica sobre sus límites, sobre los niveles a los que un cuerpo puede ser llevado. (KOHAN 2002: 82-3)

Então, é a instituição da medicina, dentro do Exército, que legitima o discurso que, por sua vez, autoriza as ações do Dr. Mesiano. Conforme escreve Michel Foucault, em *A ordem do discurso*:

E a instituição responde: “Você não tem por que temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra, mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém”. (FOUCAULT 1970: 7)

É o discurso da guerra, ou, no nome escolhido pelos militares, do *Proceso de Reorganización Nacional*, arregimentado com um saber médico, que autoriza as barbaridades decorridas nas ditaduras, inclusive a tortura de um recém-nascido - como vimos no início, tal barbaridade não se limitou à ditadura argentina. A relação saber-poder é evidente e está presente nas reflexões de Foucault:

Se é verdade que essas pequenas relações de poder são com frequência comandadas, induzidas do alto pelos grandes poderes do Estado ou pelas grandes dominações de classe, é preciso dizer ainda que, em sentido inverso, uma dominação de classe ou uma estrutura de Estado só podem funcionar bem se há, na base, essas pequenas relações de poder. O que seria o poder de Estado, aquele que impõe, por exemplo, o serviço militar, se não houvesse, em torno de cada indivíduo, todo um feixe de

relações de poder que o liga a seus pais, a seu patrão, a seu professor – àquele que sabe, àquele que lhe enfiou na cabeça tal ou tal ideia? (FOUCAULT 2006: 233)

O reconhecimento, por parte do conscrito, do valor do Dr. Mesiano, a ponto de buscar protegê-lo, sintetiza a legitimação que os subordinados, militares ou não, ofereceram àqueles que detinham o saber e, deste modo, autoriza a barbárie em um mecanismo que se autoalimenta. O contato com o pensamento de Foucault parece perfeito: é o pai, reafirmando e restabelecendo as relações de poder embutidas nos ensinamentos paternos:

Em nossas sociedades, a “economia política” da verdade tem cinco características historicamente importantes: a “verdade” é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem; está submetida a uma constante incitação econômica e política (necessidade de verdade tanto para a produção econômica, quanto para o poder político); é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso corpo de consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas); é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, Exército, escritura, meios de comunicação) enfim, é objeto de debate político e de confronto social (as lutas “ideológicas”). (FOUCAULT 2012: 52)

Em *Dos veces junio*, a aprovação do pai por conta da seleção do filho para o serviço militar e as orientações que lhe passa a fim de que sobreviva entre essa “gente de reglas claras” (KOHAN 2002: 16) são exemplos da relação de poder que se transfere para que, no quartel, se restabeleça na relação entre o Dr. Mesiano e o soldado. O reconhecimento dessa transferência enche o pai de orgulho: “*Mi padre dijo que él se sentía muy orgulloso. Y era verdad: tenía en los ojos un brillo como de lágrimas que no iban a salir*” (KOHAN 2002: 13). O conselho principal, apreendido no início da narrativa, naturalmente nos explica o comportamento do rapaz durante toda a história:

Mi padre me contó que había un militar que tenía este lema: “Al pedo, pero temprano”. Me dijo que esa consigna ilustraba bastante bien el modo de razonar de los militares. Después insistió mucho en que no fuera a mencionar esta anécdota a nadie en la conscripción, ni siquiera a los compañeros. “Vos calladito”, me dijo, y me guiñó un ojo. (KOHAN 2002: 20)

Com esta orientação, e a ambiguidade do texto de Martín Kohan, o pai o adverte sobre não confiar em seus pares e a se manter calado. Isso ajuda a explicar porque, ao receber informações da detenta, o soldado não as transmitiu aos seus superiores. Seria esdrúxulo que um soldado conseguisse o que os doutores não conseguiram.

Em *Dos veces junio*, o esclarecimento vem também difundido em um chiste e em um conselho passado de pai para filho:

Recuerdo que mi padre dijo: ‘Los milicos son gente de reglas claras’. La primera de esas reglas establecía: ‘El superior siempre tiene razón, y más aún cuando no la tiene’. Recuerdo que me dijo que entendiera bien eso, porque si entendía eso, entendía todo. (KOHAN 2002: 54-5)

Sobre a relação entre ciência médica e poder, um poder patriarcal, castrista, claro está, há ainda outra relação importante a ser destacada. É que toda a racionalização permite a interpretação dos fatos de modo a concordar com interesses e favorecimentos pessoais, o que, em última instância, exclui o aspecto imparcial e distanciado da razão científica. Em outras palavras, o raciocínio só é científico até onde lhe interessa. Não sendo assim, pode ser subvertido. Por exemplo, depois de falar que as guerrilheiras, “*que ni casadas están*”, engravidam e que sua irmã não o consegue, o Dr. Mesiano diz:

Las sifilíticas voluntarias al menos ofrendaban su vida cumplían, a su modo, el juramento sagrado de dar la vida por la patria. Nadie ignoraba, y mucho menos las putas, que después de pasarles pestes y chancros a los enemigos, a ellas mismas les aguardaba una misma muerte, la rociadura con cal y la fosa común. Pero lo hacían y morían con la conciencia en paz por el deber cumplido. “Estas conchudas, en cambio”, decía el doctor Mesiano, “se hacen preñar por cualquier pelotudo, porque una vez preñadas se sienten fuertes, invulnerables. Preñadas o madres, se creen el soldado perfecto, pretenden que nadie las puede tocar”. [...] Claro que el arte de la guerra consiste justamente en eso: en detectar la mayor fuerza con que cuenta el enemigo, para convertirla en su mayor debilidad. (KOHAN 2002: 119)

A racionalidade do pensamento do Dr. Mesiano continua na avaliação das estratégias do inimigo e, agora, colocando a questão da posse do corpo e de seu uso como arma de guerra:

¿Qué puta no sabe que su cuerpo no es suyo? Así razonaba el doctor Mesiano. Una puta entiende que su propio cuerpo no le pertenece, o por lo menos, que no le pertenece del todo. El enfermo terminal consigue, aunque muy por otro camino, arribar a esa misma certeza. Hay algo en su cuerpo que ya no tiene nada que ver con él. Por eso estas personas se entregan tan dócilmente, a los clientes en un caso y a los médicos en el otro: porque dan su cuerpo sin darse ellos. Así razonaba el doctor Mesiano, y sostenía que al llegar a ese estado las personas adquirían, paradójicamente, un poder muy particular. De alguna manera lograban una prodigiosa afinidad con lo que pasa en una guerra. Porque en una guerra los cuerpos ya tampoco son de nadie: son pura entrega, son puro darse a una bandera y a una

causa. Así razonaba el doctor Mesiano: cuando en la guerra se acciona sobre un cuerpo, se está accionando sobre algo que ya no le pertenece a nadie. De ahí su interés por las putas de Vietnam, que habían llegado a ser, a un mismo tiempo, y maravillosamente, prostitutas, enfermas terminales, instrumentos de guerra.
(KOHAN 2002: 120)

O Dr. Mesiano opera, através de sua racionalidade, que conjuga o militar com a ciência médica, a aproximação entre a prostituta, o enfermo e o soldado, e depois destitui a todos do próprio corpo. Essa destituição – já que o corpo não é de ninguém – permite que se opere sobre ele sem os conflitos morais, conforme vimos ocorrer no caso nazista, e, por fim, demonstra uma admiração por tal espécie de guerrilheiro: este que o livra de qualquer reflexão além das urgências da guerra.

Como se fosse uma conclusão

A leitura de “Que é a literatura”, de Jean-Paul Sartre, nos ensinou que o artista não é nem Vestal nem Ariel, ou seja, que ele não pode estar fora da situação histórica em que se encontra, com o que Poggioli concorda, citando o crítico marxista Christopher Caudwell: “nenhuma atividade humana, nem sequer a mais livre ou gratuita, pode obrar no vazio, numa situação de absoluta ignorância da realidade histórica da época” (POGGIOLI 1964: 130). Poggioli esclarece, porém, que não há, entretanto, uma submissão do artista a uma demanda que seja maior do que a sua própria arte. Daí, entendemos que se o artista fala, fala de seu tempo, e assim se posiciona, pois isso é inerente à fala e, por extensão, ao silêncio. Enfim, “faça o que fizer, ele está na jogada, marcado, comprometido até no seu retiro mais longínquo” (SARTRE 2004: 19). No caso de Kohan, consideramos que a temporalidade fundada pelas ditaduras ainda não foi substituída por outras urgências, ainda que outras tenham surgido, de modo que sua narrativa, ao retomar o tema da tortura e a possibilidade de uma escrita por um itinerário menos testemunhal, dá notícias de que ainda há muito a se dizer.

Martín Kohan, com o que chama de memória social, que é uma construção entre o empírico e o arbitrário do ficcionista, potencializa a verdade – um dos papéis, caso tenha um, da literatura – ampliando a sua dimensão, deixando-nos pensar na dureza desta verossimilhança. Portanto, parece-nos que consegue, em *Dos veces junio*, alcançar uma notável inteligência do fenômeno vanguardista, nas palavras de Renato Poggioli, ao dizer que isso só ocorre quando não se esquece de todo o fator estético.

Com certeza, Kohan, voltado para a literatura, não incorre no “erro” de se abandonar à propaganda política, e logra a síntese de um posicionamento claro, senão direto, solicitado por Sartre e pelos tempos duros, sem o apelo político-panfletário que diminuí o valor estético da obra de arte. Esse romance, de documento,

passa a monumento, como orienta Poggioli, e, num giro de 180 graus, converte o protagonista calado e sem nome num loquaz espelho de um povo e um tempo com reiteradas versões na história.

Tabela com títulos e subtítulos de *Dos veces junio* e as referências que apontam

Na tabela a seguir, estão listados todos os números que intitulam a narrativa de Martín Kohan, a começar pelo nome do livro, que, de certa forma, poderia ser representado por uma equação (2x6), passando pela população da Argentina à época do mundial (25 milhões) e o peso mínimo para que um corpo esteja apto a suportar uma descarga elétrica, 2k e 300 g (*Dos trescientos*) (PERETI 2012: 2013).

Título	Referência
<i>Dos veces junio</i>	Título do livro. Duas datas representativas: 1ª vez junho: 10 de junho de 1978, em plena ditadura militar, derrota da seleção argentina para a seleção italiana; 2ª vez junho: 30 de junho de 1982: nova derrota para a seleção italiana; derrota na Guerra das Malvinas.
p. 09 - <i>Diez del seis</i>	Dia do jogo entre Argentina e Itália pela Copa do Mundo de 1978. Resultado: Argentina 0 x Itália 1.
• p. 11 – <i>Cuatrocientos noventa y siete</i>	Número do sorteio do conscrito para o serviço militar (Terra, ou seja, exército)
• p. 25 – <i>Ciento veintiocho</i>	Modelo do Fiat
• p. 34 – <i>Ciento dieciocho</i>	Insinuação da contagem dos segundos gastos para a consulta médica à detenta grávida.
• p. 45 – <i>Mil novecientos setenta y ocho</i>	Ano da Copa do Mundo da Argentina
• p. 55 – <i>Ochenta mil</i>	Capacidade do Estádio Monumental de Nuñez
• p. 65 – <i>Veinticinco millones</i>	População argentina em 1978
• p. 74 – <i>Cero uno</i>	Resultado do jogo: Argentina 0 x 1 Itália Número do capitão Mesiano na Academia Capítulo fundamental da narrativa
• p. 84 – <i>Doscientos dos</i>	Quarto de hotel em que o conscrito ficou. Número capicua (ou palíndromo): 202

• p. 96 – <i>Cinco</i>	Cinco soldados violentam uma menina em um caminhão. A cifra mítica ²
• p. 109 – <i>S/N</i>	A identificação do prédio onde estava a detenta, ou seja, o número do prédio.
• p. 121 – <i>Dos trescientos</i>	Insinuação do peso adequado para a tortura de um recém-nascido.
• p. 131 – <i>Cuarenta y ocho</i>	Números de telefone do advogado da detenta dos quais ele ainda se lembrava.
• p. 142 – <i>Trescientos noventa y ocho</i>	Insinuação da distância entre Quilmes e a ESMA – ida e volta, duas vezes.
p. 155 – <i>Treinta del seis (epílogo)</i>	Um dia depois da derrota da Argentina (Copa de 1982).
• p. 157 – <i>Uno dos</i>	Resultado do jogo: Argentina 1 x 2 Itália. Contagem ordenada que explica a continuação do que veio antes.
• p. 163 – <i>Ciento treinta y tres</i>	Outro Fiat
• p. 169 – <i>Mil novecientos ochenta y dos</i>	Guerra das Malvinas Copa do Mundo da Espanha
• p. 174 – <i>Seis</i>	Do Dr. Mesiano (1): Alberto, o cunhado (2), Ângela, a irmã (3), Lúdia, a esposa (4), Antonio, o sobrinho (5) e o conscrito (6).
• p. 179 – <i>Cuatro</i>	A idade de Antonio, que se chama Guillermo.
• p. 184 – <i>Seiscientos treinta</i>	Insinuação sobre a emissora de rádio Rivadavia.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. *A Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*. Tradução de José Rubens Siqueira. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1999.

2 A cifra mítica refere-se à quantidade de vezes que o personagem principal, o conscrito, atingiu o orgasmo na sua relação com a prostituta. Essa representação possibilita, entre outras coisas, traçar um perfil do conscrito. Na narrativa, sobejam exemplos de comportamento machista – os estupros, inclusive.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Saga, 1969. (Idéias e Fatos Contemporâneos, 28)

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (Obras escolhidas, vol. 1) Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BÜRGER, Peter. *Teoría de la vanguardia*. Barcelona: Editorial Península, 1997.

CONADEP. *Nunca más*. Informe de la Comisión Nacional de la Desaparición de Personas. Buenos Aires: Eudeba Editorial, 2009.

DENIS, Benoît. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. Tradução de Luiz Dagobert de Aguirra Roncari. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

EAGLETON, Terry. *Marxismo e crítica literária*. Tradução de Matheus Corrêa. São Paulo: EDUNESP, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir. O nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 25ª ed. São Paulo: Graal, 2012.

KOHAN, Martín. Historia y Literatura: la verdad de la narración. In: Drucaroff, Elsa (directora). *Historia crítica de la literatura argentina: La narración gana la partida*. Vol. 11. Buenos Aires: Editorial Emecé, 2000.

_____. *Dos veces junio*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2002.

_____. *Duas vezes junho*. Tradução de Marcelo Barbão. São Paulo: Editorial Amauta, 2005.

LANATA, Jorge. *Argentinos*. 4ª ed. Buenos Aires: Editorial Sudamerica, 2011.

LUDMER, Josefina. *Literaturas postautónomas 2.0*. Z CULTURAL, ano VIII, mayo 2007. Revista Virtual do Programa Avançado de Cultura Contemporânea. ISSN 1980-9921.

_____. *Aquí América Latina*. Uma especulação. Juiz de Fora: EDUFMG, 2010.

NOVARO, Marcos, PALERMO, Vicente. *A ditadura militar argentina 1976-1983*. São Paulo: EDUSP, 2007.

PERETI, Emerson. A derrota como alegoria e os corpos como trauma: de Dos veces junio e figli-hijos. In: *Cadernos da Semana de Letras da UFPR*, Ano 2012, Volume II. Curitiba: UFPR, 2012.

POGGIOLI, Renato. *Teoría dell'arte d'avanguardia*. Tradução de Rosa Chacel. México: Editorial de la Universidad Nacional Autónoma de México, 1964.

SARLO, Beatriz. *Borges, un escritor en las orillas*. 2ª ed. Buenos Aires: Editorial Seix Barral, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. *O que é literatura?* Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Editora Ática, 2004.

VIÑAS, David. *De Alfonsín al menemato 1983-2001: literatura argentina siglo XX* / Rocco Carbone... [et. al.]; compilado por Rocco Carbone y Ana Ojeda. 1ª ed. – Buenos Aires: 2010

Sites consultados

SEGUNDA POESÍA. Sitio dedicado a la poesía y otras formas de literatura. *Entresueños*. María Fernanda Aldaño, entrevista con Martín Kohan, 24 junio, 2004. <http://www.segundapoesia.com.ar/2004/06/martin-kohan-dos-veces-junio>. 11/2012

LUDMER, Josefina. *Literaturas postautónomas*.

http://linkillo.blogspot.com/2006/12/dicen-que_18.html. 05/2008

_____. Literaturas postautónomas, Ciberletras - Revista de crítica literaria y de cultura, n. 17, mayo 2007.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. <http://www.cnv.gov.br/> (10/09/2014)

Observatório Países de Língua Oficial Portuguesa (OPLOP). <http://www.oplop.uff.br/boletim/2524/dos-poroes-da-ditadura-brasileira-os-novos-documentos-sobre-assassinato-de-rubens-paiva-suicidio-de-um-sobrevivente-da-tortura>

(11/09/2014)